

GENTE COMO NÓS

Teresa Pizarro Beleza



<http://www.ionline.pt/portugal/lisboa-acessivel-somos-pais-habitado-guardar-os-deficientes-numa-caixa>

“É preciso que se vá progressivamente corrigindo, pelo menos nos grandes eixos da cidade, onde há grandes equipamentos públicos e uma maior densidade de pessoas idosas. Isto não é só um problema de pessoas com dificuldade motora. Portanto, tem de se actuar nesses sítios para progressivamente criarmos condições mais dignas, e sobretudo mais humanas, *para que esta gente possa utilizar a cidade como nós*”, sublinhou ao i o vereador Fernando Nunes da Silva.”

Lisboa é uma cidade difícil. Alguém que tente percorrê-la a pé, empurrando um carrinho de bebé ou manejando uma cadeira de rodas, sofrendo de qualquer maleita ou arrastando uma mala de viagem, aperceber-se-á disso num instante. As barreiras arquitectónicas são mais que muitas e em geral intransponíveis, se não for um jovem atlético em perfeito estado físico que consiga *sprintar* nas luzes verdes da Av^a da República, ou tornear os variados obstáculos nos passeios, quando estão transitáveis.

E no entanto a Constituição da República manda que os idosos e os portadores de deficiência sejam respeitados, cuidados e ajudados. Para que mantenham a sua dignidade e possam, como todos os cidadãos e cidadãs, desenvolver livremente a sua personalidade, sem discriminações e sem mais obstáculos do que aqueles que algum infortúnio ou a Mãe Natureza, quantas

vezes cruel, lhes impôs. É a versão lusa contemporânea do 'direito à felicidade', a mais bela formulação constitucional saída de uma revolução – a norte-americana de 1776.

Acontece que uma pessoa que hoje é 'normal' (leia-se - jovem, fisicamente capaz, sem limitações de mobilidade ou de qualquer função física, seja a vista, o ouvido, a fala, o tacto...) amanhã pode tornar-se incapaz ou diminuída. Porque teve um acidente. Porque envelheceu. Porque uma doença lhe roubou subitamente a agilidade ou a luz. Ou a música... Beethoven, esse génio incomparável da grande Música erudita europeia, compôs algumas das suas mais extraordinárias obras completamente surdo ou quase (A 'Nona Sinfonia', de 1824; o quarteto de cordas dito a 'Grande Fuga', Opus 133, de 1825). Dizem que serrou os pés de um piano para sentir a vibração do som, encostado ao chão...

[A mim, apetece-me chorar quando imagino a solidão de Beethoven, surdo, num insondável silêncio no tumulto da sua criação, furioso com o imperialismo Napoleónico e com as reverências de Goethe aos poderosos do seu tempo, ansiando por uma companheira amante, fiel e leal que, ao que tudo indica, ele só terá conhecido na sua imaginação de compositor e libretista... Aposto que ele próprio chorou ao compor o dueto *Oh nahmenlose Freude!*, (do 'Fidelio', a sua única ópera) a mais bela celebração do amor conjugal de que me lembro (talvez ao lado de *Les yeux d'Elsa*, de Aragon). Às vezes ponho-me a pensar: teria ele composto o Adagio da *Hammerklavier* ou mesmo a *Grande Fuga* se tivesse sido um homem "feliz"? (Teria Mahler sido capaz da beleza pungente dos *Kindertotenlieder* se não tivesse perdido as filhas?). Mas o Amor, esse conheceu-o certamente, senão nunca poderia ter escrito o *Es ist so wunderbar... Sie liebt mich, es ist klar...* um dos trechos musico-dramáticos mais extraordinários que alguma vez foram escritos.]

Acontece que divago. São as cerejas da conversa escrita. Génios à parte, a forma como em geral tratamos as pessoas com alguma espécie de diminuição de capacidades faz-me a maior das confusões ao espírito. Talvez justamente porque nunca nos lembramos de como é ténue, fugaz, evanescente a linha que separa a capacidade do tolhimento, a juventude e a beleza vigorosa da velhice e da vulnerabilidade, a agilidade e a saúde da fraqueza e da doença.

Por isso me confundem expressões, tão correntes, como as citadas no excerto que abre este texto. Não duvido por um minuto do empenho e da boa vontade do Senhor Vereador que as pronunciou. Nem dos excelentes propósitos da Câmara Municipal a apoiar a iniciativa "Um Passeio, por Lisboa (In)Acessível", incluída no programa da Semana da Mobilidade da autarquia.

Mas talvez não lhe tenha ocorrido que 'essa gente' é, simplesmente, gente como ele; ou, como ele mesmo diz, 'como nós'.

Setembro de 2012

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.